

DEBATE

Em torno às origens do megalitismo

Reguengos de Monsaraz, 1996, Outubro, 04, Sexta-feira, 21:00 h

m o d e r a d o r ■ VICTOR S. GONÇALVES ■

Os debates são o que são, permitindo deles e da sua utilidade leituras muito diversificadas. Frequentemente, para uns, são tempo perdido, para outros, uma forma de se afinar conceitos e ajustar pensamento.

Para mim, representam, também e sobretudo, na frescura da sua formulação, momentos de grande prazer pessoal. Conversar sem o aparato de uma sala de conferências, sem o peso académico que fascina e conforta gente insegura e tantas vezes medíocre, é uma oportunidade a não perder. Conversar pela satisfação da conversa, aguçando perspectivas, corrigindo eventualmente ideias feitas, aprendendo com o olhar alheio é uma excelente atividade.

Este foi o terceiro grande debate que conduzi. O primeiro, em Setúbal, no MAEDS, ainda hoje é, de algum modo, um ponto de referência¹. O segundo, nos Encontros T&M, em Cascais, foi tornado parcialmente irrecuperável por avaria do gravador. Ambos constituíram, a meu ver, excelentes pontos de situação para os temas tratados.

No que se refere a este debate, transcrevemos tão fielmente quanto possível as intervenções, descomprimindo apenas, aqui e ali, o texto, de forma a eliminar redundâncias ou erros de fala e acrescentar vírgulas ou introduzir novos períodos em passagens excessivamente extensas. A manutenção do discurso tão perto do que ele realmente foi pode provocar alguma confusão inicial num leitor que não assistiu pessoalmente ao debate, mas na realidade permite manter a forma felizmente indisciplinada e aberta, neste caso eminentemente criativa, que alguns de nós, arqueólogos, tanto apreciam. Ana Catarina Sousa transcreveu a partir do original, uma vez uma primeira versão conter excessivos erros. A responsabilidade da revisão literária e da tradução para português das intervenções em francês e castelhano foi minha.

VSG

VICTOR S. GONÇALVES:

...Em torno às origens do megalitismo... como é evidente, não se pode começar de forma metódica e inocente uma discussão deste tipo. Num tema assim, o caos é, de algum modo, idêntico à ordem. Como sempre acontece, aliás, quando existem menos respostas que perguntas. Mas, de qualquer modo, creio que a melhor maneira de fazer uma introdução e abrir o debate será recordar efectivamente alguns pontos que foram já discutidos nas sessões da manhã e tarde de hoje, e que dizem respeito ao conjunto dos complexos problemas que o megalitismo levanta.

A propósito da ambiguidade e da pervivência dos espaços sagrados, lembraria justamente uma cena curiosa, que ainda hoje aconteceu (e que a maior parte de nós não presenciou porque estava de costas ...) e que pode ser usada para chamar a atenção para a complexidade destes espaços, neste caso desta ex-Igreja de S. Tiago, onde estamos, e sobretudo como tais espaços não são exactamente apenas palimpsestos, ao contrário do que hoje se chegou a afirmar a propósito dos monumentos megalíticos. Num palimpsesto, a escrita de um documento apaga o anterior totalmente e emerge como um novo acto, coeso e coerente. O nosso problema nos monumentos megalíticos é que as presenças se vão sucedendo, não apagando necessariamente as presenças anteriores, muitas vezes apenas as destruindo parcialmente, daí o facto da dificuldade em aceitarmos comparações de este tipo. A soma de informação num monumento megalítico faz com que as coisas não percam totalmente o seu significado: ganham outros. Hoje mesmo, três pessoas entraram nesta sala, olharam para o altar-mor, onde estava a presidir o Carlos Tavares da Silva, e benzeram-se respeitosa-mente [risos] ...numa homenagem que na realidade só se podia dirigir ao nosso conhecido Bispo da Igreja do Sétimo Menir [risos]...

Como é obvio, o espaço desta igreja já não é, foi... Durante centenas de anos este espaço foi, na realidade, uma Igreja, teve para todos um significado peculiar, um significado específico. Neste momento, é uma sala de cultura, e ainda bem, é um espaço que para além dos defeitos que tem (frio e reverberante, criando dificuldades de audição), é efectivamente um espaço totalmente diverso na sua nova essência, um espaço laico.

Estamos no que foi uma Igreja, construída com morfologia de Igreja, porque essa era a sua finalidade de origem. Foi reconstruída, mas sempre, tanto quanto possível, dentro da sua traça original, na imagem do que teria eventualmente sido, mas ganhou recentemente um significado totalmente diferente. E isto para nós é um notável exemplo, uma excelente lição de como um monumento megalítico pode ser construído com a intenção de guardar apenas um morto, um grande xamã, um grande Chefe, ou outra coisa assim, e se pode transformar num monumento colectivo, finalidade a que não estava destinado à partida. Claro que a sequência de significado e leitura de certos espaços é tão sensível que se altera qualitativamente, e às vezes mesmo de uma forma quantitativa total, exactamente o que aconteceu com este espaço.

No século XX a acabar, a mitologia cristã e os seus gestores não mudaram consideravelmente: continua a haver padres, continua a haver freiras, continua a haver missas, continua a haver toda uma série de rituais que se prolongaram quase desde o início do Cristianismo até aos nossos dias, com variações quantitativas e qualitativas, é certo, mas essencialmente é a mesma religião. E, neste momento, este não é um espaço religioso, é um espaço quase totalmente esvaziado do seu sentido mágico-religioso, é um espaço de pequenas sobras, apenas significantes para os crentes. E, se ainda não repararam, ali escondido no canto, à entrada, está o que resta de um fresco lindíssimo, que foi destruído à picareta durante o "restauro" deste espaço. Estava ali a cidade celeste, Jerusalém, idealizada e imaginada, aí sim numa sùmula virtual de fragmentos colados que, até ao momento em que a Igreja caiu, tinha um significado para as pessoas que o viam na íntegra. No fundo, tal como



FIG. 1 – Uma das sessões de trabalho do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Da esquerda para a direita, Victor S. Gonçalves, Manuel Calado, João Luís Cardoso, Leonor Rocha e Roger Jousaume.

as igrejas românicas do Norte, restauradas da maneira que sabemos pelos *Monumentos Nacionais*. As pessoas que viam o Barroco, que alterava o seu aspecto original, viam o barroco, mas viam também tudo o que estava para trás dele, desde o traçado românico de origem. Tínhamos uma fórmula original e uma substituição progressiva por outras fórmulas, mas não uma substituição de significados essenciais. Os significados essenciais, que tinham a ver com o cristianismo, mantinham-se efectivamente, só que aqui, nesta sala, neste momento, não se mantêm, sobreviveu o esqueleto, ainda por cima um esqueleto reinventado, estamos dentro de uma carcaça vazia à qual foi dado um novo significado. O que era um monte de ruínas foi recuperado, mas perdeu o seu sentido original. Mas este espaço, mesmo assumindo uma certa ambiguidade, guardou apesar de tudo referências que se não

apagam e são automaticamente reconhecidas dentro do mesmo código de significados. Daí que três devotas se tenham benzido ao verem no altar o Carlos Tavares da Silva [risos] e quase apostava que, se o conhecessem melhor, até se benziam duas vezes [risos].

Ora bem, deixemos agora estes comentários, que no entanto não são completamente desajustados, na medida em que ilustram o facto de um certo espaço ter vivido tempo suficiente para conhecer grandes alterações na sua função concreta. Eu penso que um dos muitos problemas do megalitismo não se situa exactamente na sua origem, mas na sua diversidade e na própria dinâmica de transformação que os espaços megalíticos, inevitavelmente espaços sagrados, vão sofrer. Eu, ultimamente, ao preparar um livro, escolhi justamente para abrir a discussão sobre as origens do megalitismo uma frase de um autor muito conhecido, para quem gosta de literatura do nosso século, chamado Frank Herbert, o autor entre outras coisas extraordinárias de uma saga em vários volumes chamada Dune, que foi aliás levada ao cinema de forma razoável, considerada a dificuldade, por David Lynch. Há justamente uma pequena epígrafe (e o Herbert, como outra pessoa que conheço, era especialista em inventar epígrafes, atribuídas a outras pessoas, mas que são naturalmente dele) que diz: “the beginning is a very delicate time”, o começo do princípio das coisas é realmente um tempo muito frágil. E é com muito cuidado que nós devemos procurar entender os fios das teias, como forma de compreender a própria teia final, como é que foi tecida a trama de esses tempos de origem. E isto no fundo é uma coisa que todos nós, felizmente tão diferentes uns dos outros que somos, reconhecemos: as coisas começam invariavelmente de uma maneira em que nem se percebe bem que estão a começar e, quando damos por elas, estão já consolidadas e nós perdemos o momento da origem, perdemos os primeiros momentos da História.

Portanto, reunirmo-nos para discutir as origens do megalitismo é sobretudo um pretexto para conversar sobre estas coisas, nas quais trabalhamos e de que gostamos, que efectivamente nos preocupam em termos explicativos. Nessa perspectiva, até as posições mais tradicionais e conservadoras são úteis. E se há realmente uma conquista definitiva neste final de século, em termos de arqueologia teórica, é justamente o reconhecimento de que não existe um passado, mas vários. Existem não uma, mas muitas verdades e é a partir delas, das suas múltiplas leituras, que nós podemos optar, escolher a imagem que nos parece mais adequada. Penso efectivamente assim e o facto de nem todos estarem de acordo não me incomoda particularmente.

Para alguns, e isso não é necessariamente ilegítimo, tal como as muralhas dos povoados fortificados não seriam funcionais, mas simbólicas, as antas não serviriam para conter mortos, mas símbolos. Para mim, pelo contrário servem para as duas coisas, mas não me atreveria a defender que servem apenas para uma delas. De qualquer maneira, podemos também invocar a multiplicidade dos olhares com que nós aprendemos. Os colegas que estudam os menires cometem erros ou descobrem coisas importantes, acertam em cheio, ou vão falhando nas análises que fazem. Mas espera-se que aprendam com isso. Eu penso que o megalitismo é neste momento em Portugal um vasto campo de aprendizagem. É um campo que se transforma continuamente com as descobertas que nós fazemos, mas que, enquanto objecto, está ainda por definir com rigor, e os nossos métodos, com a redefinição constante do objecto, têm constantemente de ser afinados, têm de ser sintonizados para novas realidades, mesmo sabendo que é uma situação muito precária e que aquilo que hoje nós ouvimos com relativa harmonia, amanhã já não nos soa bem, o que é óptimo, sinal que a ciência avança e que as nossas visões se vão continuamente alterando.

Ora bem, hoje discutiu-se aqui, entre outras coisas, o problema do Neolítico Antigo e as questões que aí se colocam são questões que nos preocupam a todos pela escassez impressionante de informação nesse domínio. É evidente que aquilo que vai anular esta situação não são

as datas de radiocarbono, é a descoberta específica de contextos, alguns bem distintos, como os povoados... nesse aspecto, e após as várias intervenções que tocaram os problemas da datação, de novas cronologias propostas para o Neolítico, é evidente que temos de definir que Neolítico é esse, enfim, temos de compreender que comunidades humanas são essas e de onde são originárias, é certo que não apareceram no solo por geração espontânea. E esta questão é um desafio importante para os nossos colegas e amigos que trabalham neste tema, mas tanto o Carlos como a Joaquina preferiram colocar questões que têm a ver com o que chamam protomegalítico, uma expressão que me parece insuficientemente definida. Ora o ponto nodal de uma das questões possíveis coloca-se em torno a como é que estas comunidades se organizaram e passaram a produzir excedentes, investindo tempo na construção de qualquer coisa que não era apenas para eles, que se destinava a conter os seus mortos, que ocupam espaço, monumentos que recebiam e guardavam restos de antepassados em territórios com uma vasta gama de populações distintas à volta. Portanto, a questão do protomegalítico, que foi aqui levantada, pode ser discutida, porque realmente tem a ver com as origens do megalitismo, mas, no estado actual da pesquisa não podemos esquecer que o problema dos menires, mesmo considerando-os uma manifestação megalítica peculiar, é completamente diferente... Porque não custa nada admitir que os menires tenham começado a ser levantados no Neolítico Antigo, e já agora uma das coisas que digo aqui ao Jorge Oliveira é que não são as datas que apresenta para eles que são preocupantes, o que é preocupante é a sua duvidosa ligação com os contextos que para eles propõe...

A mim, pessoalmente, não me repugna minimamente admitir que não há um significado único para *menir*, há vários tipos de menires, alguns podem perfeitamente ter a ver com cultos fálicos, ou da fecundidade, o que não é bem o mesmo, ou coisa semelhante, e depois evidentemente haveria estelas menires diferentes, como Belhoa e Monte da Ribeira. Temos formas betilóides, temos o conjunto dos Almendres ou da Portela de Mogos, com as pedras talhas e, de algum modo, Vale Maria do Meio. Há portanto uma multiplicidade de significados e não me repugna admitir que correspondam a vários tempos e que, inclusivamente, o mesmo menir possa ter sido utilizado de várias maneiras. Pode ter sido utilizado por uma gente e depois por outra, de maneira diversa, basta ver a história clássica do Obélix e do Astérix. Nesse caso, foi recriada, de forma gráfica, uma realidade que tinha outro significado, aí transformada numa realidade sem significado algum. Realmente, na Gália, já não se faziam menires, como é evidente, e temos gentes, povos, celtas e outros, que reflectem sobre eles e lhes dão outro significado, porque realmente não estão equipados para investigar sobre qual seria a sua origem. Naturalmente, acabam por recriar espaços e forjar toda uma espécie de significados novos. Recordem o filme de Boorman, *Excalibur*. Quando o futuro pai do Rei Artur cobiça a mulher do Duque da Cornualha, é num campo de menires que Merlim lança um encantamento, chamando o sopro do Dragão que fará com que o Pai de Artur tenha acesso à Duquesa. Até os menires têm assim um significado muito próprio na Cornualha, não tanto em Portugal, talvez devido à muito recente descoberta destes conjuntos. O que torna possível alguém, de visita a Vale Maria do Meio, encontrar o bafo do dragão, mas, na ausência de conhecimento acumulado, não pensará que o melhor é ir rapidamente para casa, ver o que se passa. Correndo assim o risco de lhe acontecer o mesmo que ao Duque da Cornualha, que, para além do que se sabe, não podia ter acabado pior... [risos]

Ora bem, temos portanto significados que podem ser diversos à partida, significados que mudam, significados que evoluem, situações que constantemente se alteram. Eu gostaria que cada um de nós se pronunciasse ... mas já agora que o Carlos começasse por explicar de maneira clara e sucinta o que realmente entende por *protomegalítico*, para que possamos discutir contextos e tentar perceber se o conceito funciona. É por aí que eu gostaria realmente de começar...

CARLOS TAVARES DA SILVA:

Eu vejo o megalitismo como uma forma superestrutural de um determinado modo de produção, no sentido marxista do termo. Portanto, um sistema onde funcionam forças produtivas e relações de produção, ou seja, numa linguagem diferente, um determinado tipo de organização social. Por conseguinte, para mim, o megalitismo corresponde exactamente a uma manifestação ideológica, superestrutural, de um modo de produção. Ora esse modo de produção, como qualquer modo de produção, resulta de um modelo de produção e resulta através de um processo de transformação, que não gostaria de dizer o termo porque há pessoas que se chocam com ele, mas ... é um processo de transformação revolucionário, ou seja resulta de um processo de transformação quase total ao nível sobretudo das superestruturas. Em determinado momento do processo histórico, o desenvolvimento das forças produtivas já não está de modo nenhum em consonância com a ideologia respectiva e surge aí um momento de ruptura de onde tem obrigatoriamente de surgir uma nova ideologia para que a sociedade avance. Bom, temos assim a passagem de um modo de produção a outro modo de produção, por conseguinte eu terei necessariamente, de acordo com este esquema, e limitado por ele, por este quadro teórico, sou obrigado a ver o megalitismo a resultar de todo um processo de transformação, mudanças que se operam num modo de produção anterior àquele que corresponde ao megalitismo. Bom, sendo assim, nós, eu e a Joaquina, tentámos encontrar no Neolítico Antigo precisamente o modo de produção que poderia ter estado na origem do modo de produção doméstico. Finalmente, seria o modo de produção doméstico aquele que corresponderia à ideologia “megalítica”.

E que transformações se teriam alterado no modo de produção imediatamente anterior ao doméstico, que transformações teriam ocorrido que poderiam ter conduzido ao aparecimento do megalitismo? De facto, pegando num momento de organização social proposto por um marxista, as comunidades de caça e recollecção, ou seja para as comunidades organizadas segundo o tipo que ele próprio definiu, que já vem desde o Engels que é a “horda”, a partir daí, de resto o que os neo-evolucionistas norte-americanos chamaram de “bando”, a partir daí tentámos ver o que é que poderia ter levado da desagregação deste modo de produção à emergência do modo de produção seguinte. Foi evidentemente, na nossa perspectiva, um processo de intensificação económica baseado no desenvolvimento da economia agro-pastoril. Ora no Neolítico Antigo surgem as primeiras manifestações da economia agro-pastoril, sendo contudo muito incipientes. O Neolítico Antigo será então um momento de charneira entre as comunidades de caça e recollecção, ou seja, entre o “bando”- “horda” e a sociedade organizada segundo um modo de produção doméstica. A seguir ao Neolítico Antigo, através da Arqueologia podemos detectar o Neolítico Antigo evoluído, que corresponde à intensificação, em que a economia de produção de alimentos revela uma determinada intensificação. E com efeito nós tentámos mostrar através de sítios do Neolítico Antigo Evolucionado, através da interiorização do Neolítico Antigo Evolucionado, mesmo ao nível das estruturas de habitat, lembremo-nos por exemplo dos pequenos fornos da Salema, que com efeito durante essa fase há um processo de intensificação económica. E há indícios de que as sepulturas protomegalíticas possam de facto corresponder, isto é apenas um modelo teórico e frágil, de um ponto de vista empírico, mas pensamos nós que existem de facto indícios de surgirem sepulturas proto-megalíticas precisamente no decurso deste Neolítico Antigo Evolucionado. Segundo nós pensamos, no fim do Neolítico Antigo Evolucionado, portanto em meados do V milénio calibrado. É precisamente nesse momento que as comunidades se tornam mais agro-pastoris, e conseqüentemente passam ideologicamente... como direi... a desenvolver todo um culto virado para o passado, porque esse mesmo culto é fundamental para o desenvolvimento do ciclo agrícola, quando isso acontece, emerge o



FIG. 2 – George Eogan apresentando a sua comunicação.



FIG. 3 – Charles-Tanguy Le Roux numa das suas intervenções.



FIG. 4 – Na primeira fila, e da esquerda para a direita, Ana Catarina Sousa, Victor S. Gonçalves, Carlos Tavares da Silva, Martin Höck e Philine Kalb. Na segunda fila, à esquerda, Rodrigo Balbín-Behrmann e Primitiva Bueno.

megalitismo, que não é outra coisa senão a construção ainda numa primeira fase proto-megalítica de uma sepultura individual onde ficarão os despojos de um ancião, ancião que é a própria razão de ser da comunidade, do ciclo produtivo que passa a realizar-se, e, claro, num segundo momento, e aí entramos no Neolítico Médio, para nós cada período tem um valor económico-social, portanto quase o confundimos com um novo modo de produção, porque o Neolítico Médio é um novo modo de produção, portanto a partir desse momento e pelo desenvolvimento agora já do modo de produção doméstico, enfim, está aberto o caminho para o desenvolvimento do megalitismo. As sepulturas individuais vão assumir o cargo de sepulturas colectivas, e porquê, porque já não é um ancião, mas os antepassados de um modo genérico que passam a ser de facto, enfim, a entrar no culto do antepassado. E a sepultura torna-se necessariamente colectiva, e temos aí agora o megalitismo que assume a sua plena afirmação no Neolítico Médio e o seu apogeu no Neolítico Final. De notar que, no Neolítico Final, estamos perante já um outro modo de produção, que é aquele no qual se vai fazer sentir a Revolução dos Produtos Secundários, e aí já não estaremos provavelmente num modo de produção doméstico, que não admite a hierarquização tão pronunciada que teria ocorrido no Neolítico Final. Não sei se estarei a ser mais confuso do que esta manhã, mas estou com uma dor de cabeça terrível, portanto, não sei se consegui exprimir-me adequadamente...

VICTOR S. GONÇALVES:

...eu queria pôr uma questão a Primitiva Bueno que poderia ajudar a compreender este processo de uma outra forma, certamente diversa da que o Carlos Tavares da Silva preferiu usar, uma questão sobre a homogeneidade e o sentido da arte megalítica...

PRIMITIVA BUENO:

Ao longo do nosso trabalho em arte megalítica (de que falaremos amanhã), pudemos concluir que existe evidentemente um código, um conjunto de decorações gravadas ou pintadas que se repete sempre nos monumentos, seguindo, digamos, uma norma, e essa norma tem tanta força, significa tanto simbolicamente, que é igual em dolmens com corredor e em dolmens sem corredor.

Apresentámos esta manhã datas antigas para a arte megalítica, datas de desenvolvimento dos monumentos megalíticos e datas para *tholoi* (que são mais ou menos conhecidas), mais recentes. Estamos completamente convencidos de que a investigação da arte megalítica não se vai centrar tanto em cronologias da arte, mas numa outra questão: a decoração e o monumento são uma coisa pensada de uma vez só. Ou seja: o monumento e os arquitectos que fazem o monumento são gente que conhece a simbologia e a introduz no monumento. É uma coisa feita de uma vez só. Porque determinado monumento, por exemplo a necrópole de Soto, é uma galeria em que todos os ortóstatos são gravados e pintados e todos os dolmens em redor são também galerias mais pequenas, em que a representação artística é mínima. Em todo o caso, verifica-se a presença de antropomorfos, repetem-se os mesmos esquemas do dolmen principal, o que nos leva a pensar que estes elementos antropomorfos são uma referência a antepassados desse grupo (amanhã falaremos um pouco mais desse tema).

Para nós, a arte está ligada indissoluvelmente ao megalitismo. Porque existe em alguns monumentos e em outros não existe? Só a investigação pode esclarecer esta questão ...

VICTOR S. GONÇALVES:

Rodrigo ...

RODRIGO BALBÍN-BEHRMANN:

Vejamos uma forma positivista de abordar este tema. Normalmente, compreendem-se as questões genericamente. Designamos por megalítico aquilo que têm características verdadeiramente evidentes, fundamentalmente monumentais. Sob esse ponto de vista, eu não sei o que é o megalitismo. Se vamos a apostar em critérios negativos (de vez em quando é útil) podemos remontar ao Solutrense final, dando por exemplo Saint Germain de la Rivière, onde há um monumento que é exactamente uma cista megalítica com um enterramento claramente megalítico, para além do mais com ocre vermelho. Características em princípio definidoras do que designamos por enterramentos megalíticos. Se nós queremos referir uma época mais tardia, fora do âmbito usual do megalitismo, que encontramos nos Alpes italianos, em Riparo Villabruna A, um enterramento mesolítico com 10 000 anos a.C, um túmulo de pedras grandes com um enterramento e seis dessas pedras têm decoração pintada de tipo antropomórfico. É uma documentação magnífica, muito bem feita, claramente megalítica, correspondendo ao uso mas não ao âmbito megalítico.

Portanto, o que é o mundo megalítico?

Existem definições, por exemplo a que acabámos de ouvir a Carlos Tavares da Silva, eu estava tentado a fazer um pouco de advogado do diabo para dizer que esta questão não é clara, não é estanque. Nós temos tentado compreender o mundo megalítico, segundo este ponto de vista, a partir de representações gráficas. As representações gráficas, ou seja, o mundo gráfico que também alguns chamam artístico, embora a mim me pareça muito pouco artístico, muito mais gráfico, é um contínuo, embora tenha algumas interrupções mais ou menos bruscas. Em qualquer caso, a partir do momento produtivo, coisa que também traz os seus problemas, resulta que as representações gráficas mudam de protagonista. O protagonista até esse momento é o indivíduo humano, a partir de esse momento são o indivíduo humano e os símbolos que o acompanham. Essa simbologia também não é uma simbologia neolítica, que aparece em abrigos pintados, em grutas e no interior de monumentos megalíticos.

O que é o megalitismo portanto? Eu não sei.

Sob certas perguntas estão certas respostas. Fundamentalmente, sob uma perspectiva gráfica, o mundo megalítico é a circunstância de uma série de temas gerais, comuns à Arte esquemática, que se dedicam especialmente aos mortos, é o que entendemos por megalitismo. Os elementos gráficos sofrem alterações no Neolítico Antigo, Médio, Avançado, Recente, no Calcolítico? Não. Pelo menos não somos capazes de acompanhar as mudanças da cultura material. A representação gráfica parece mais uniforme, mas continua a tal ponto que não há mudanças bruscas no Bronze Médio e Final.

O que é portanto o mundo megalítico, de acordo com uma perspectiva gráfica?

É apenas uma parcela do mesmo. Possui condições excepcionais de representação que reflectem o mundo económico e social?

Quem sabe qual é o comportamento normal dos indivíduos a partir do Neolítico?

VICTOR S. GONÇALVES:

A questão é a mesma para antes e depois...

BELLO DIEGUEZ:

Isto é muito complicado. Há uma quantidade de coisas em cima da mesa a que não podemos dar resposta. Só com a análise concreta de situações concretas, análises marxistas, para chegar a ideias como as de Carlos Tavares da Silva. Como traduzir a evolução da leitura ideológica de um determinado modo de produção, tendo tão escassos dados como temos? Falta uma enorme base empírica para podermos tentar compreender coisas tão difi-

ceis. Dar o salto é o momento mais difícil da elaboração dos códigos da ideologia. Estamos muito longe de conhecer essa formação.

Perguntamo-nos se a arte muda ou não? Sim, a arte, tanto gravada como pintada, muda tanto por elementos estilísticos como por elementos estratigráficos como por sobreposição de gravuras.

Em Dombate, a arte é muito formal, geométrica e estilizada, sendo muito difícil a leitura. Eu vali-me da leitura de monumentos que são muito conhecidos — Juncais e a Arquinha da Moura, estudada por Ana Leite da Cunha, onde também se encontram cenas de fortíssimo conteúdo mítico e ideológico (parece-me uma loucura falar disto a estas horas), até porque a mim impressiona-me que se tome uma das componentes, como dizia o Rodrigo, mas somente uma, de todas as representações do Neolítico, Calcolítico peninsular — é o varão arqueiro e caçador. Não temos o arqueiro-guerreiro, nem o agricultor, nem senhoras bailando, mas é o caçador que temos em Dombate. Analisando os pigmentos brancos de Dombate e a capa de caulino sobre as estruturas, verifica-se que o aglutinante é manteiga de vaca. Manteiga de vaca aos quilos, em 2500 cal BC (uma data bastante recente). Neste momento teríamos manteiga de vaca excedentária para forrar este dolmen e seguramente outros dolmens. Estamos numa sociedade com uma economia agrícola ganadeira desenvolvida, não digo que estamos em plena RPS, mas alguns dos seus componentes começam a estar aí. Há muito para saber em Dombate, não sabemos, por exemplo, se a manteiga era com ou sem sal... (risos). Mas isso não se reflecte na Arte. A importância dada à caça na simbologia não é a mesma no Dombate branco ou pintado (como nos Juncais) — a simbologia da ponta de seta, por exemplo, ou é uma sociedade guerreira ou é uma sociedade que se considera a si mesmo como caçadora. É como um general enterrado com um sabre, mesmo que os militares não usem sabre. Como o machado, o domínio do varão sobre a mulher, desde a figura do arqueiro-caçador mítico do Paleolítico superior/Mesolítico que significa a desigualdade social, para esse varão, a importância social da caça acaba por diminuir a importância das outras actividades.

E nada mais.

VICTOR S. GONÇALVES:

Eu creio que seria muito interessante ouvir agora algo sobre a perspectiva, ou melhor: as perspectivas, a que o Vítor Oliveira Jorge nos tem habituado ao longo de todos estes anos, para depois voltarmos, se tal interessar, à simbologia relacionada com as construções megalíticas...

VÍTOR OLIVEIRA JORGE:

Estamos numa hora que efectivamente nos dificulta o raciocínio...ah... depois destas refeições um pouco pesadas, características da região... Mas, tentando dizer alguma coisa, gostaria de dizer o seguinte: nós vivemos numa época e numa sociedade em que tudo é interpretado funcionalisticamente, e qualquer perspectiva que temos sobre o passado é analisada segundo a funcionalidade, lembram-se daquelas três perguntas que o Gordon Childe dizia que um arqueólogo tem de fazer a tudo o que encontra (quem o fez, para que é que o fez e quando o fez). É claro que Gordon Childe, que nós líamos na nossa infância, está muito longe do nosso tempo, nós hoje já não temos perguntas tão ingénuas.

Tradicionalmente, víamos os megálitos, os monumentos megalíticos, com uma finalidade funcional, é um lugar comum, era ali que se colocavam os mortos, e inconscientemente nós continuamos com essa visão mais contemporânea, em que nós colocamos os mortos hoje num sítio, se possível, longe. Nós sabemos que hoje a morte é uma morte longe da família, anónima, é uma morte que se enterra rapidamente. Quando antes, pelo con-

trário, os mortos eram qualquer coisa que existia e convivia, e como sabemos em muitas sociedades de agricultores “nativos” os mortos eram mais vivos que os próprios vivos, porque tinham uma carga simbólica. Portanto, a nossa maneira funcionalista de ver os mortos, em que os descartamos, projecta-se muitas vezes no megalitismo e faz-nos desvincular toda a nossa visão do passado, porque os lugares ditos megalíticos eram lugares de convivência permanente, estivessem eles mais próximos do habitat, como o caso de Los Millares, ou estivessem longe do habitat, fosse um espaço mais monumentalizado ou menos monumentalizado, nós não devemos projectar a nossa perspectiva funcionalista neste mundo.

Depois, temos outra deformação, que é também uma projecção contemporânea, anacrónica, que é entender a evolução deste fenómeno que nós próprios isolámos, não o esqueçamos, demos-lhe um nome, chamando-o de megalitismo e agora tentamos ir atrás do nosso isco. Fomos nós que criámos o conceito, não está lá escrito nos megálitos: isto é um megálitio, interpreta-me! Não está, nós é que demos esse nome e juntámos uma variedade de coisas debaixo do nome, e agora queremos ir atrás dele, para ver se o enchemos de conteúdo, portanto é um estranho jogo, este nosso encher e esvaziar conceitos. O que é certo é que temos de ter em conta a evolução destes objectos, sejam eles funerários ou menires, ou outras coisas. Temos de ver a evolução deles, porque para nós o que é tradicional é que se espriem no tempo segundo uma linha que pode ser multilinear, mas de acordo com dois pontos ... evoluindo depois para uma complexidade maior, onde se vão construir átrios e, no exterior aos átrios, constituem-se aqueles espaços de religiosidade externa para ser visto, e ser portanto, uma espécie de teatro de encenações rituais e também a própria Arte que vem reforçar esta Arte simbólica, constituindo uma espécie de segredo ao qual só alguns tinham acesso a esse interior, lembramo-nos de quando fomos visitar à Irlanda e a dificuldade que teve o nosso colega Mário Varela Gomes para entrar, precisamente porque o monumento foi feito para as pessoas se arrastarem pelo chão e ele de facto não conseguiu [risos]. Era um espaço sagrado, um espaço interdito [risos]... sem pensar numa coisa que me parece elementar, que é, como é que é possível... e esta diferenciação social... ou reutilizados, mas também construídos, eu não digo isso, como é o caso de Castro Verde... há muitos contemporâneos. Portanto, há uma variabilidade em certos sítios, e não é só uma ideia teórica que estou para aqui agora a defender. Isso não implica que não haja evolução, dolmens de corredor mais ou menos diferenciado, imponentes ou do mesmo tamanho.

CARLOS TAVARES DA SILVA:

Será que vocês, na Serra da Aboboreira, chegaram de facto à conclusão que os dolmens de corredor eram posteriores aos monumentos fechados, sobretudo a Susana Oliveira Jorge escreveu-o na *História de Portugal*² isso mesmo, portanto, é um dado adquirido, em princípio, mesmo na Serra da Aboboreira onde se escavou imenso, é uma pergunta que eu faço.

VÍTOR OLIVEIRA JORGE:

Na Serra da Aboboreira, sem dúvida nenhuma que nós temos monumentos por volta de 3300 BP... [risos] ...é que eu agora não me lembro das datas calibradas... [risos] ...3300 mais 2000 dá 5300 BP, pronto, mais ou menos, 5300 mais ou menos... [risos] ...são mais ou menos dessa época e depois são normalmente monumentos sem corredor ... é o caso nitidamente de Furnas II. Vamos lá ver, atenção, o que predomina no Norte de Portugal, há mais de mil mamoas acima do Douro, mas nem todas são megalíticas, nem todas tem monumentos por baixo...

CARLOS TAVARES DA SILVA:

Então a partir de que momento é que no Norte há monumentos com corredor diferenciado?

VÍTOR OLIVEIRA JORGE:

Com corredor diferenciado? Pelo que nós sabemos, por volta de 3100 BC, há 5100 anos, e nessa fase são monumentos de corredor, fechados ou abertos, poderiam alguns ter uma abertura, mas que foi cerrada ... ou têm a câmara poligonal circular ou têm-na alongada, como é o caso da Mina do Sinal, muito bem datada ... por volta de 3500 AC, peço desculpa a alguns, esses monumentos tem a câmara alongada mas não tem corredor. Depois, há monumentos com um pequeno corredor, que constituem um momento de charneira entre o IV e o III milénio ... e depois esses monumentos vão evoluindo, mas para os quais nós não temos datas nenhuma, que são aquilo a que no Norte de Portugal correspondem as galerias em França, com dolmens de corredor e câmaras indiferenciais, como é o caso do monumento de Afife... escavado pelo Eduardo Jorge, e que contem nesse caso uma figura humana num esteio completamente diferente...

[Pergunta de Victor S. Gonçalves inaudível]

VÍTOR OLIVEIRA JORGE:

mas por exemplo aquilo a que antes se chamava cista, aquela cista... aquele monumento cistóide de Sta. Marta em Penafiel, com câmara e corredor indiferenciados, mas há um no litoral que o Eduardo Jorge escavou... que vinha desde antigamente como cista e era-o porque ele nunca a tinha escavado, porque quando escavou a chamada cista da Eireira era um monumento de câmara e corredor indiferenciados. Portanto, há monumentos muito alongados no Norte de Portugal, que por sinal não existem na Galiza, o que é muito interessante. Portanto, a coisa é muito complicada, quando nós começamos por observar isto a coisa é muito complicada. O megalitismo não tem um contorno definido, no sentido de nós dizermos que alguma coisa é megalítica para além fronteiras. Por outro lado, mesmo os monumentos da massa de construção megalítica em que é suposto as principais famílias, classes ou grupos, a elite em que era com certeza uma organização social diferenciada, a hierarquização social suponho, começou muito antes do Neolítico, eu suponho que tenha começado no Paleolítico tal como o autor daquele livro célebre de "Pastores recolectores, o início das desigualdades", porque a partir do momento em que começou, e agora falando muito marxisticamente, a capacidade de armazenar alimentos, começou a capacidade de o Homem se fixar ao terreno e de subsistir, um grupo de pessoas na mesma área, portanto, constituindo sociedades e grupos diferentes do simples bando.

CARLOS TAVARES DA SILVA:

O que aconteceu é que em determinadas regiões do globo... os bosquímanes ainda nos nossos dias viviam num igualitarismo completo.

VÍTOR OLIVEIRA JORGE:

É certo, mas é preciso ver o seguinte, nós estamos a falar ...

CARLOS TAVARES DA SILVA:

Mas não só os bosquímanes, os pigmeus, os esquimós...



FIGS. 5/6 – Imagens do debate final.

[Continuação em simultâneo das intervenções de Carlos Tavares da Silva e Vítor Oliveira Jorge, impossíveis de transcrição].

VÍTOR OLIVEIRA JORGE:

Vamos lá a ver... há aqui uma coisa que é preciso ter em atenção, as comunidades de caçadores e recolectores contemporâneas são formas adaptativas tão contemporâneas como o capitalismo, não são os seus filhos que representam o que já se foi no passado, isso é que é importante, não há nenhuma forma viva de caçadores recolectores com que possamos comparar os caçadores madalenenses, não há...

CARLOS TAVARES DA SILVA:

Concordo inteiramente contigo, deixa-me só dar um exemplo, a desigualdade social não é um fenómeno inerente à natureza humana, porque é possível haver comunidades onde o igualitarismo é total, é possível haver comunidades que não concebem minimamente a guerra, como os bosquímanes. A própria desigualdade entre o homem e a mulher em termos de estatutos, não é um fenómeno ligado à própria natureza humana, em suma, não há uma natureza humana... o homem é fruto de condições sociais concretas.

VÍTOR OLIVEIRA JORGE:

De acordo... concordo plenamente, sobre isso deixa-me só ...há duas maneiras de ultrapassar os problemas tradicionais, uma delas é considerar que eles não existem, que é o que o marxismo faz, e há outra maneira que é descartar esses problemas, porque um indivíduo estar a discutir se há ou não há natureza humana é uma forma de a essencializar, como quando nós estamos a discutir megalitismo, estamos de certa forma a essencializá-lo, mesmo quando dizemos que ele é polimorfo, é um conceito que nós criamos, é-nos útil. A época que constituiu a verdade foi a época da ciência, foi a época moderna, foi com as luzes que se constituiu a ideia de espírito da verdade, nós queremos atingir o passado, que significa uma ideia do futuro, consequentemente é com a ciência histórica que nós podemos chegar aqui a este espaço, apesar de tudo sacralizado e naquele placard que agora não me recordo do sepulcro, projectamos ali o nosso filme do passado, ou seja é possível um dia presentificar o passado com se ele estivesse a desenrolar-se perante os nossos olhos. Essa simples ideia é no mínimo absurda, porque qualquer observador situado no tempo está sempre a tentar ver o que está para trás, tem sempre uma perspectiva, logicamente que se nós tivéssemos oportunidade de ver tudo o que é passado, teríamos a possibilidade de ver todo o futuro, ou seja daí a impossibilidade de sermos livres. É por isso que as visões dogmáticas do passado certificam as visões dogmáticas do futuro, sejam elas bem intencionadas ou mal e é por isso que uma visão pluralista e pragmatista se opõe a essas visões dogmáticas do passado...

CARLOS TAVARES DA SILVA:

Mas o marxismo não é uma visão dogmática do passado...

VÍTOR OLIVEIRA JORGE:

Eu não estou a dizer isso, eu não estou a dizer que é, até porque há muitos marxistas... e para mim o marxismo...

CARLOS TAVARES DA SILVA:

O marxismo em si é a antítese...

VÍTOR OLIVEIRA JORGE:

Carlos, deixa os outros acabarem de falar...

[*Risos e conversa generalizada*]

VÍTOR OLIVEIRA JORGE:

Para mim não há essências de nada, portanto há problemas que são falsos problemas e como tal simplesmente é melhor nem os resolver, simplesmente descartá-los pela negativa, terei mais problemas e este não é o ultimo, portanto, discutir o Marx ou o megalitismo em certa medida, se quisermos fazer umas balizas muito definidas dele... eu acredito é em projectos de investigação científica regional, que nos permitam relacionar dados paleo-ambientais, inter-disciplinares com estudos de habitat muito profundos, com todas as outras manifestações de arte rupestre, que são formas de simbolizar o espaço normalmente em sítios recônditos, não é, e isso é que nos interessa...

Agora para terminar sobre a sociedade pré-megalítica vou só dizer duas coisas. Bom, há aqui pessoas com muito mais especialidade do que eu, mas... transformações complicadas mas que poderíamos aproximarmo-nos da complexidade da mentalidade dos indivíduos que fizeram as suas manifestações de mortos. Uma delas é chamada a ele esticada do animal, esta pele de animal está pintada nos esteios de um monumento com a cabeça, as patas para o lado, normalmente ... e o problema resolveu-se um bocadinho, que era o que eu suspeitava, aquilo é uma figura semi animal semi antropomórfica, portanto, há ali uma transformação entre o animal e o homem, ou seja, entre a natureza e a cultura. A mesma história nós vamos encontrar na famosa cena de caça do dolmen dos Juncais essa cena de caça, há de-se notar está toda ela organizada não de uma forma descritiva, mas em torno de um motivo central que prepondera no ortóstato, um motivo geométrico, quiçá uma variante de um motivo geométrico a que Elisabeth... chama “a coisa”, “the thing”, e tanto do lado esquerdo dessa figura geométrica, como do lado direito a cena da caça, toda ela se organiza mediante esse risco central, e é engraçado porque tem os cãezinhos, a caça aos veados propriamente dita e depois tem um homem com arco a atrás uma outra figura sem arco, será uma mulher... Todas as figuras humanas estão a uma dimensão reduzidíssima mostrando que a figura humana no universo do megalitismo está numa posição subordinada a um quadro extremamente complexo e organizado. Mas o que é curioso nisto é digamos, este afrontamento entre a natureza simbolizada pelos veados e a cultura simbolizada pelos arqueiros é altamente simbólico, há um afrontamento simbólico, todo ele organizado em função desse eixo central. Uma outra coisa que eu gostava de dizer, e digo isto para concluir, é o problema da célebre imagem da tal coisa da Elisabeth Shee, uma base trapezoidal e depois com um grande apêndice lateral arredondado. Essa figura, que é uma figura central que quando a Elisabeth Shee diz que o serpentina é um dos elementos da arte megalítica está a esquecer-se de uma coisa fundamental que é... Quanto a mim, umas das transformações possíveis deste signo é justamente a figura que aparece num dos vários dolmens de Belas que é uma placa de xisto sobreposta por um pente, não há pente nenhum nem placa nenhuma é apenas uma variação do sub-trapezoidal, que aí se apresenta da mesma posição simbólica central e há outra variante felizmente ainda não publicada, mas que está a ser estudada por António Martinho Baptista na Galiza sobre um monumento megalítico, em que também temos um símbolo filiforme com duas grandes zonas esquemáticas na área superior, que é afinal uma variante do símbolo de Belas, que no meu modesto entender, porque quando digo isto com convicção estou cheio de dúvidas, eu sei lá se é, imagino é um caminho possível de investigação. Há aqui um código muito complexo de transformações

estruturais de sistemas, cujos significados nós não sabemos, que talvez dentro da mesma perspectiva pragmatista não nos seja útil sequer tentar investigar, porque nós às vezes tentamos decifrar as coisas como a dissipação de uma epígrafe, como se essas coisas tivessem tido um início da qual nós nos queremos aproximar e como disse o Rui Parreira muito bem aqui esta tarde, durante a própria vida dos monumentos megalíticos, os dolmens, a paisagem megalítica ia assumindo um significado diferenciado. Ora, se ela já tinha um significado diferenciado ao longo do tempo, nas sociedades sem escrita, não há um meio de codificar definitivamente um sentido, de o fixar de o impor, que é a forma típica do Estado. Reparar que nós estamos na pré-história a nossa imagem estatizante porque a partir do Estado dá-se o pior dos constrangimentos do espírito humano que é o poder de fixar os documentos por escrito, o poder de provar contra ou a favor de alguma coisa. Nas sociedades pré-históricas não se podia provar nada, cada qual contava o que queria, a cada conto se acrescenta um ponto, é por isso que qualquer grafismo numa sociedade pré-histórica não tem sentido precisamente pelos seus múltiplos sentidos possíveis, que cada um pode contar o que quer. Ou seja, quero com isto dizer o seguinte, nós queremos fazer uma análise, criamos conceitos, anacronicamente tentamos delimitá-los e meter dentro deles uma série de anacronismos que são no fundo próprios da nossa sociedade contemporânea.

[Intervenção em francês de Victor S. Gonçalves apresentando Charles-Tanguy Le Roux e resumindo-lhe a ele e a Roger Joussame a discussão]

CHARLES-TANGUY LE ROUX:

Eu vou evitar falar de Gavrinis, apesar de haver muito a dizer, porque há muitas coisas a dizer em relação a um todo essencial. Na arte megalítica ibérica chegamos a um sistema coerente que se parece com os desenhos que se interpretam uns em relação aos outros. Sobre a arte megalítica da Armórica, do Centro-Oeste da França e da bacia parisiense chegamos a um sistema coerente em torno de certos signos principais que se articulam entre eles, evoluem e têm uma sequência no espaço e o tempo que é também coerente mas que é diferente do sistema ibérico. Profundamente diferente. George (Eogan) explicou-nos-á dentro em breve que na arte megalítica irlandesa existe uma rede de signos, elementos gráficos que são coerentes entre eles mas que são também qualquer coisa de diferente. Elisabeth Shee mostrou bem nos seus trabalhos que os pontos comuns entre as três regiões são muito ténues. O suporte arquitectónico entre esses três complexos artísticos é composto por elementos que têm contextos muito diferentes

Podemos obter à escala da Europa vários níveis: um nível de conceitos metafísicos ou teológicos de coisas comuns ao mundo megalítico, a nível de expressão dos conceitos num contínuo: a arquitectura é uma forma muito genérica de expressão de conceitos. Existem constantes técnicas, ou seja: a arte de obter as matérias-primas que estão por todo lado, o *savoir faire* os conhecimentos técnicos que se encontram por todo lado, com chaves de significado: se temos uma sepultura isso significa que vamos guardar uma lembrança da morte ao mesmo que tempo que a separamos do domínio humano (...). E que talvez a expressão simbólica é em cada região, em cada período, em cada contexto cultural irá construir o seu universo simbólico.

Eu tenho a impressão que fazemos uma organização excessiva dos fenómenos megalíticos, não se devem confundir os conceitos com a semiologia da expressão dos conceitos. Ou seja, falo da associação da monumentalidade aos contextos funerários. Mas o megalitismo torna-se uma outra expressão para além da construção com grandes pedras. Sabemos bem que há megálitos em blocos, megálitos em terra, megálitos em madeira que são fun-

cionalmente e culturalmente equivalentes e inversamente existem construções megalíticas no senso etimológico que nada têm a ver. Na Bretanha temos menires da Idade do Ferro, encontramos construções pré-históricas que na realidade são da Idade Média.

È necessário entender de forma mais fina o modo de organização arquitetural, os conceitos gerais. E é assim que eu vejo este problema.

ROGER JOUSSAUME:

Eu queria dizer que falarei sobre do assunto da mesma forma porque sei que tudo começa com o megalitismo europeu (esta noite falou-se do megalitismo português e espanhol).

Então o megalitismo é o megalitismo. Em todo o mundo, muitas sociedades conheceram condições que podem ser abrangidas pelo termo megalitismo, ou seja, o megalitismo com uma câmara funerária aberta, de corredor através da qual se depositam os mortos. Nós tentamos sempre estudar este fenómeno pela pequena parte da matéria que é o da pequena região. Mas será que podemos colocar a questão de saber porquê e como as sociedades passaram a esse estado de evolução, passando das sepulturas abertas nas quais são depositados um certo número de indivíduos, quando se trata de megalitismo europeu eu constato que nós conhecemos muito, muito mal, os costumes funerários do megalitismo. Em particular no megalitismo antigo, não sabemos praticamente nada como funcionava. Identifica-se um estádio, interpreta-se esse estádio, mas será que esse estádio corresponde a uma realidade original do monumento? Como escolhem, para quantos indivíduos foi o monumento construído, será que o indivíduo lá permaneceu por um certo tempo, todo tempo ou foi modificado ao longo do tempo?. Se nos viramos para os megálitos do mundo antigo veremos que as questões são diferentes. Na maior parte dos casos são sepulturas colectivas, de espírito colectivo que funciona de forma bem diferente.

Qual é então o universo social que cria este megalitismo?

Será indispensável procurar num passado precedente ao momento zero do megalitismo ou de uma forma particular do túmulo que é a origem. Escapa-nos totalmente este tipo de resposta.

A resolução é interpretar todos os monumentos. Na minha interpretação, os monumentos completamente fechados tornam-se abertos. Será necessário um movimento social particular, que o marxismo não explica. Talvez percamos muito tempo para conhecermos os matizes e não as linhas gerais do fenómeno através do mundo talvez possamos entender como funcionam as outras sociedades. Ainda há sociedades que funcionam com megalitismo. Cometemos muitos erros e em particular esse erro, procurar estudar os monumentos para saber que tipo de corredor foi escolhido, o tipo da sua câmara. Parece-me insuficiente fazer somente isso sobre o megalitismo funerário. A regularidade é simples, e quando dizem que o megalitismo é apenas o gigantismo funerário não estou de acordo...

VICTOR S. GONÇALVES:

Uma vez que ninguém mais se quer pronunciar, apesar de todas as discussões serem ainda possíveis, e tendo em conta que os nossos colegas que vieram de longe estão naturalmente cansados, boa noite, obrigado e até amanhã.

¹ Gonçalves, Victor S. (coordenador) (1983-84) – Povoados calcólicos fortificados no Centro/Sul de Portugal: génese e dinâmica evolutiva. CLIO/ARQUEOLOGIA. Lisboa: UNIARCH. I. p. 141-154..

² História de Portugal. Editorial Presença. Vol. I.

